

# A «Ars Orandi» de Fr. Heitor Pinto e as raízes culturais da «Imagem da Vida Cristã»

No quarto centenário da sua morte

Talvez não seja nem inconveniente nem exagerado começar por afirmar que a Fr. Heitor Pinto o ser incluído nas antologias de «pro-sadores religiosos» não lhe tem trazido grandes benefícios... Poderíamos lembrar a falta de estudos sobre a sua obra, mas preferimos recordar que a única edição aceitável da *Imagem* é a que nos deu a Tipografia Rollandiana... em 1843...<sup>1</sup>. Hoje, um tanto ao arrepio do costume, esquecemos de certo modo o «prosador» e tentaremos abordar outro aspecto dessa obra do monge de S. Jerónimo. Acentuando o carácter «religioso», procuraremos vê-la desde as vertentes da história da espiritualidade, um domínio da História da Cultura em Portugal que vai andando esquecido desde 1960.

Não cabe assinalar aqui as imensas lacunas da biografia de Fr. Heitor, mas aceitar, por não cair num hipercriticismo com alguns laivos de desmancha prazeres, 1584 como o ano da sua morte... Também não ponderaremos, catalogando-as por ordem cronológica, as incongruências e lugares comuns das muitas alusões e de alguns estudos que se têm dedicado à *Imagem*...

Igualmente não vamos discutir agora se «bagagem humanística lhe deu armas para negar o Humanismo...»<sup>2</sup>. E deixaremos para outra ocasião alguns apontamentos sobre fontes e leituras de Heitor

---

<sup>1</sup> Esta edição acaba de ser reproduzida pela editorial Lello e Irmão, Porto (1984), com uma importante introdução de J. V. de Pina Martins. Seria, porém, urgente, neste como em tantos outros textos literários do nosso século XVI, emprender uma edição crítica da *Imagem da Vida Cristã* que, além do mais, nos liberte de frases incompletas..., opções textuais sem sentido..., etc. Citaremos pela edição de 1843.

<sup>2</sup> António José Saraiva, *O Humanismo em Portugal*, Lisboa, Jornal do Fôro, 1956, pág. 186, ensaio, aliás, repleto de sugestões a desenvolver.

Pinto, autor da *Imagem...* Anotemos, no entanto, que apesar de algumas sugestivas referências, se tem preferido olhar essa obra como um «documento» em que se vê agonizar o Humanismo, talvez até melhor, dum certo Humanismo...<sup>3</sup>, ao mesmo tempo que se apontam dela algumas características que no meio de contradições múltiplas prenunciariam a época seguinte, o Barroco...<sup>4</sup>. Apesar de todas essas reflexões pressuporem na obra e no seu autor uma vocação e intencionalidade que relevam das tradições da espiritualidade que se propõem já no próprio título da obra — *Imagem da Vida Cristã* —, essa intencionalidade e, dizemos agora, a função da obra em relação ao seu público específico, parecem normalmente ser esquecidas... E, recordemo-nos, a *Imagem da Vida Cristã*, é antes de mais, uma obra de carácter religioso, devoto, por vezes até, escrita não por um leigo, não por um frade, mas por um monge, e não por um beneditino ou cisterciense, mas por um jerónimo... Por tal, participa não só duma tradição espiritual cristã e católica, mas ainda especificamente duma tradição monástica. E dentro desta tradição duma espiritualidade até certo ponto própria<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> J. S. da Silva Dias, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969, págs. 879-881 e J. V. de Pina Martins, *Humanismo e Erasmo na Cultura Portuguesa do Século XVI*, Paris, Centro Cultural Português, 1973, págs. 155-156, desde perspectivas diversas, olham a *Imagem* como um dos textos em que se podem detectar não só o fim do erasmismo em Portugal, mas também sinais e orientações «contra-humanistas». Com o devido respeito aos meus Mestres, parece-nos que tais pontos de vista, aliás, complementares, tendem a privilegiar como essenciais aspectos dum discurso que na *Imagem* é quase irrelevante, já que tudo nela, mesmo o mais livresco se reclama de outras tradições..., tradições que, através dos avatares dum humanismo de monges *letrados e eloquentes*, nunca deixaram de fluir, integrando tudo quanto é integrável, ao longo dos séculos XV e XVI...

<sup>4</sup> Mário João Pereira Loureiro, *A «Imagem da Vida Cristã» de Frei Heitor Pinto no Aspecto Estilístico e Literário*, in «Revista de História Literária de Portugal», II (1967), págs. 199-230.

<sup>5</sup> Deve-se a Cândido A. Dias dos Santos na sua obra *Os Jerónimos em Portugal, — Das Origens aos Fins do Século XVII*, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1980 a primeira tentativa de exposição da espiritualidade jerónima (págs. 175-222). Nestas páginas pioneiras em que desde o título do capítulo — *Uma Espiritualidade Jerónima* — o meu estimado Colega e Amigo, Prof. Cândido dos Santos, se interroga, não se atende, talvez, porque não era essa a preocupação fundamental e imediata, à génese dos próprios jerónimos e às transformações que na espiritualidade herdada foram introduzindo gerações eremíticas peninsulares, preferindo-se olhar do lado da *Devotio Moderna*. ...Curiosamente, porém, uma obra mais recente de Josemaría Revuelta Somalo, *Los Jerónimos — Una Orden Religiosa Nacida en Guadalajara*, Guadalajara, Institución Provincial de Cultura «Marqués de Santillana», 1982, apesar de se concentrar, quase e exaustivamente, nos primórdios peninsulares da ordem, também não apresenta mais do

Com efeito, a Ordem de S. Jerónimo, fundada em 1373 em Espanha, viu-se logo esplendidamente adaptada à Península Ibérica, como no-lo revelam não só as inúmeras fundações por toda a Espanha, e depois por Portugal, mas também a protecção real e aristocrática que dum e doutro lado da fronteira lhe foi dispensada. Em Portugal como ponto alto e até síntese dessa protecção, ergueu-se o mosteiro, de Belém, *el más ameno sitio de templo...*<sup>6</sup>.

A realeza e aristocracia portuguesas protegem constantemente a ordem de S. Jerónimo não tanto porque entre os seus fundadores, quase como um símbolo da sua vocação e dimensão peninsular, se encontra um português — Fr. Vasco, um divulgador e, talvez, adaptador de Jacopone da Todi<sup>7</sup> — mas, principalmente, porque a ordem se transforma logo, no dizer de F. Márquez Villanueva, na «mais culta e mais activa dos reinos espanhóis do século XV»<sup>8</sup>, e ainda sugerimos nós, porque, de fundação recente e aristocrática, era — e aparecia como — uma ordem reformada —, um ideal desses tempos!<sup>9</sup> —. Tudo isto se via confirmado pelas ocasiões em que a ela se tinha recorrido como ordem reformadora de outras ordens e con-

que sugestões fragmentárias sobre o assunto. Mais do que duma espiritualidade talvez, seja mais prudente e real considerar que nos jerónimos, uma ordem monástica «recente», confluíram várias espiritualidades que só depois de 1415 se foram estratificando, donde, mais tarde, — quando? — brotaria o que se poderá chamar a espiritualidade jerónima... que, nas suas linhas orientadoras básicas, ainda está por definir.

<sup>6</sup> Luiz Zapata, *Miscelanea*, Madrid, En la Imprenta Nacional, 1859, pág. 57.

<sup>7</sup> Fr. Vasco de Portugal, isto é, Fr. Vasco Martins [da Cunha?, de Sousa?] um eremita português que viveu largamente em círculos terciários franciscanos «espirituais» italianos, foi, desde sempre, considerado um dos pilares da fundação da Ordem de S. Jerónimo na Península Ibérica e, por tal, mereceu longa atenção de Fr. José de Sigüenza na sua *Historia de la Orden de San Jerónimo* (Madrid, 1600), Segunda Parte L. I, cap. 2, 3, 20; L. II, caps. 5, 6 e à sua personalidade e acção se referem os vários autores que tratam das origens jerónimas, nomeadamente Cândido dos Santos, *Os Jerónimos...*, ed. cit., pág. 6-8, e Josemaría Revuelta, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 75, 257-265. Permitimo-nos, porém, remeter para um trabalho nosso, *Nas Origens dos Jerónimos na Península Ibérica — Do Franciscanismo à Ordem de S. Jerónimo — o itinerário de Fr. Vasco de Portugal*, a publicar na *Revista da Faculdade de Letras do Porto* (1984) em que tentamos, através da análise de dados e documentos disponíveis, situar globalmente Fr. Vasco no quadro da espiritualidade do seu tempo e a sua situação na génese dos jerónimos peninsulares.

<sup>8</sup> F. Márquez Villanueva, introd. preliminar a Fr. Hernando de Talavera, OSH, *Católica Impugnación*, Barcelona, J. Flors, 1961, pág. 10.

<sup>9</sup> Josemaría Revuelta, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 234, 235, 241, chamou, certamente, a atenção para este aspecto da visão com que o século XVI favoreu a ordem de S. Jerónimo.

ventos. E esta «reformação» era até, por si mesmo, um elemento que sublinhava o vigor e solidez das suas origens eremíticas, próprias de quem se reclamava do exemplo de S. Jerónimo<sup>10</sup>.

Naturalmente estas coordenadas não foram sem consequência ao nível da sua espiritualidade própria. Infelizmente, porém, esta espiritualidade, apesar das páginas que dela têm vindo a traçar alguns caminhos, ainda esperará também muito tempo pelo estudo tamizado e matizado a que tem direito... Mas, a crer em sugestões várias e nem sempre isentas de polémica, revelaria uma confluência de águas antigas que passam por S. Francisco de Assis..., pelos franciscanos «espirituais» receptores de algumas coisas de Joaquim da Fiore<sup>11</sup>..., pelos espirituais italianos da Idade Média..., pela leitura muito atenta de S. Bernardo..., e de S. Jerónimo, naturalmente!..., com as águas mais recentes da *Devotio Moderna*.... Convém, no entanto, divertir que, quanto a este último momento, quase tudo parece resumir-se a sugestões de certas constantes comuns derivadas do mesmo fundo monástico e a certas coincidências cronológicas ainda não totalmente explicáveis... Com efeito, a tradição literária monástica pode fazer compreender muitas das características da espiritualidade tanto da *Devotio Moderna* em geral, como dos jerónimos, em particular, durante os fins do século XIV e ao longo do século XV. Nunca se acentuará demasiadamente que ambos os movimentos são leitores assíduos de S. Bernardo e de outros autores monásticos, e ainda que tanto os *devotos modernos* como os jerónimos estavam em contacto, contacto às vezes até «modelar», com a cartuxa de S. Bruno...<sup>12</sup>. E do facto de alguns grupos da *Devotio Moderna* se terem colocado sob a invocação de S. Jerónimo, não parece, como assinala Post,

<sup>10</sup> Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo*, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, N.B.A.E., I, págs. 32-33 refere esta dimensão e visão quinhentista da sua Ordem.

<sup>11</sup> Sobre Joaquim de Fiore e o Joaquinismo a bibliografia é imensa, como se sabe, mas cabe assinalar, pelas perspectivas justas e equilibradas que resultam duma leitura atenta dos textos e dum imenso saber, a obra de H. de Lubac, *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore — I — de Joachim à Schelling*, Paris, Ed. Le Thielleux, s. a. (1978).

<sup>12</sup> Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, págs. 252, 279, 286 não se cansa de apontar afinidades de espírito e, com um pouco de humor, anota que Fr. Lope de Olmedo, um jerónimo que tentou «reformular» os jerónimos com base numa regra tirada das próprias obras (e rigores) de S. Jerónimo passou à Cartuxa para exprimentar o que pretendia com a sua regra (conf. I, págs. 310, 319); I. Gomez, em *Jerónimos y Cartujos*, «Studia Hieronymiana», s.a.n.l., II, págs. 405-419 estudou alguns aspectos destes contactos e afinidades.

poder concluir-se, por agora, mais do que a constatação do facto<sup>13</sup>. Aliás, também comum a outros grupos eremíticos<sup>14</sup>.

Finalmente, convirá lembrar que a *Devotio Moderna* nórdica não só encontrou a sua correspondente meridional no movimento reformador aglutinado por Ludovico Barbo — movimento que, é certo, não está totalmente isento de contactos com o Norte — como também teve na Península Ibérica, os seus momentos precursores: na tradução, por exemplo, da *Scala Contemplationis* de Hugo de S. Victor pelo dominicano catalão António Canals...<sup>15</sup>. Entre nós, convirá não esquecer esse amigo de Ambrogio Traversari, e colaborador de Fr. Lope de Olmedo, o fundador dum dos ramos da ordem de S. Jerónimo, Dom Frei Gomes, figura integrada no movimento reformador de Ludovico Barbo, que veio a ser prior de Santa Cruz de Coimbra...<sup>16</sup>.

Não queremos, porém, sequer insinuar que da *Devotio Moderna* — do seu espírito difundido posteriormente por muitos meios, especialmente através da *Imitação de Cristo* — não tenham os Jerónimos, como muitos outros, assimilado orientações e temas... Apenas tentamos lembrar que esta componente não é a única, nem talvez a principal da espiritualidade jerónima no século XV como gostava de insinuar Dom Américo Castro...<sup>17</sup>.

De todos os modos, poderá a *Imagem da Vida Cristã* reflectir alguns destes caminhos cruzados da espiritualidade jerónima? Como podemos descobrir-los através da compacta — aceitemos mesmo o *apavorante* com que já se viu classificada — erudição dessas páginas escritas na segunda metade do século XVI<sup>18</sup>? Como situar a *Imagem* em relação ao *Recogimiento*, essa orientação, que herdeira confessa de tradições antigas e das reformas franciscanas do século XV, se

<sup>13</sup> R. R. Post, *The Modern Devotion. Confrontation with Reformation and Humanism*, Leiden, E. J. Brill, 1968, pág. 371, por exemplo.

<sup>14</sup> Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, pág.

<sup>15</sup> J. Roig Gironella, La «*Scala de Contemplació*» de Antoni Canals y la *Corriente de la «Devotio Moderna»*, «*Analecta Sacra Terraconensia*», 44 (1971), págs. 33-85.

<sup>16</sup> Eduardo Nunes, *Dom Frey Gomez, Abade de Florença, ...1420-1440...*, Braga, Edição do Autor, 1963.

<sup>17</sup> Américo Castro, *Aspectos del Vivir Hispánico*, Madrid, Alianza Editorial, 1970 págs. 61, 62, 63.

<sup>18</sup> A «classificação» pertence a um trabalho de Feliciano Ramos *As tendências mentais de Fr. Heitor Pinto*, em *Meditações Históricas*, [Separata da Revista Labor], Porto, 1940, pág. 28, trabalho que, apesar dos anos, fornece ainda muitas sugestões a desenvolver.

dizia invadir toda a espiritualidade do século XVI peninsular, caracterizando até alguns jerónimos espanhóis contemporâneos de Frei Heitor<sup>19</sup>? Numa palavra: como situar a *Imagem da Vida Cristã* em função das correntes de espiritualidade do seu tempo?

Uma resposta cabal só poderá vir a ser dada quando se tiverem não só estudado as tradições espirituais (e culturais) em que se integra Heitor Pinto enquanto jerónimo — e algo de muito importante já foi antecipado por trabalhos recentes<sup>20</sup>, como também quando for sistematicamente retomada a investigação das correntes de espiritualidade e de sentimento religioso da 2.ª metade do século XVI em Portugal... As alusões que ficaram feitas apenas têm o interesse de, suscitando algumas dúvidas, evocar, de forma imediata, a confluência na ordem jerónima das componentes da espiritualidade monástica mais antiga e de algumas da *Devotio Moderna* — estas mais complexas — que àquelas também não era estranha.

\* \*

Creemos, no entanto, ser possível começar a esclarecer esta questão através do ensaio de temas precisos que, por dizerem respeito directamente à história da espiritualidade, podem permitir algumas conclusões. Um tema ideal, porque central de qualquer espiritualidade, para lograr tal desiderato, é a atenção dada às questões da oração, isto é, à maneira como um autor — neste caso Heitor Pinto — dispõe a sua arte de orar. Esta expressão quer sugerir os meios e os processos de organizar a oração individual (pessoal), para a tornar eficaz como via de união com Deus... É um ideal que, desde os fins do século XIV, enforma esforços diversos, coagula na *Imitatio Christi*... no *Rosetum* de Mombaer... no *Ejercitatorio dela Vida Espiritual* de Garcia de Cisneros..., nos *Ejercicios* de Inácio de Loyola, e culminará em grandes manuais como a *Arte de Orar* (1630) do P.º Diogo Monteiro, obra esta que pode bem representar — aceitamos todos os riscos da expressão — a barroquização da oração metódica.

Ora, justamente num livro que de acordo com um complexo

aproveitamento de teorias platónicas — desse Platão tão exaltado nas suas páginas<sup>21</sup> — se propõe reflectir uma imagem da vida cristã, a oração (entenda-se, a oração, meditação e contemplação) tinha de ocupar algum lugar, ainda que geralmente, por razões várias, o tema passe despercebido. E há, neste caso, alguma razão para essa desatenção. Com efeito, de acordo com a prática expositiva de Heitor Pinto, os grandes temas, contrariamente ao que podem sugerir os títulos dos diálogos e dos capítulos, não são tratados sistematicamente, mas sim enunciados e só muito lentamente, através de múltiplas alusões, desenvolvidos. Por outro lado, a aparente ausência de posições polémicas sobre a matéria, tão características do seus dias, como que retira à obra, não só certo tipo de referências cronológicas, mas também um certo dramatismo que tantas vezes determina a investigação e a crítica.

Contudo, Heitor Pinto — há que dizê-lo — ocupa-se largamente da oração. Insiste, sobretudo, na sua permanente necessidade... Mas como andava buscando e propondo uma imagem, com todo o que esta implica de ideal, logo de não polémica, evitou cuidadosamente entrar em distinções teóricas sobre a oração mental e a oração vocal..., de descrever os seus diversos graus e modos. O mesmo se dirá da contemplação... A *Imagem*, como sabemos, não é um tratado de oração. É um livro que quer incitar a orar...

\*  
\* \*

E, na sequência precisa do que acabamos de dizer, convém anotar que Heitor Pinto não oferece qualquer definição específica da oração. Nem sequer lança mão das mais vulgares e sempre citadas... Não nos fala, por exemplo, da oração como elevação da mente a Deus... Prefere, sugerindo e elaborando tais definições bem conhecidas, entrar na proposta dos meios para — são expressões suas — *subir para cima... subir alto... para ir ao céu*...<sup>22</sup>.

Apontemos, desde já, tais expressões: pertencem à mais pura tradição monástica sobre a oração e é fácil encontrá-las em qualquer

<sup>19</sup> Melquiades Andrés Martín, *Los Recogidos. Nueva Visión de la Mística Española*, (1500-1700), Madrid, F.U.E., 1976, págs. 541-546.

<sup>20</sup> Referimo-nos, obviamente, aos trabalhos de Cândido Dias dos Santos e de Josemaría Revuelta já mencionados.

<sup>21</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 120. A. Ilinares, *Platon et Aristôte dans les Dialogues de Heitor Pinto*, in *Platon et Aristote à la Renaissance*, Paris, Vrin, 1976, pág. 439-449.

<sup>22</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 120; 386.

escrito monástico, como, por exemplo, no *De Disciplina Claustrali* de Pierre de Celle.

Nesta proposta de meios para *subir alto*... um lugar importante está reservado ao conhecimento próprio, pois, segundo a *Imagem*, como já anotaram os próprios gentios, *os homens que não sabiam pedir a Deus, era porque se não sabiam conhecer*<sup>23</sup>... Assim, se para pedir a Deus, isto é, para orar, tem o homem de se ver a si, percebe-se que na *Imagem* se apele à introversão, isto é, que a *entremos no íntimo de nós mesmos...*, (recolhamo-nos) *no secreto da nossa consciência... busquemos o nosso centro*...<sup>24</sup>.

Expressões equivalentes? — Caberia, sem dúvida, discuti-lo, mas que insistem na necessidade de, a partir da concepção do homem como microcosmos, ir aproximando o ponto onde Deus e o homem se podem encontrar, problema de que sempre se preocupou a «geografia da alma», sobretudo a partir dos místicos do Reno... H. Pinto apela, desse modo, ao recolhimento da alma (ou do coração) que permite metermo-nos em nosso centro e aí descobrir que Deus *está dentro em nós e é fonte de todo o ser, mais íntimo a nós que nós*...<sup>25</sup>, princípio agustiniano que constitui um dos pontos de partida do *Tercer Abecedario* de Francisco de Osuna, um dos principais teóricos do *Recogimiento*, fecunda corrente espiritual cujo aparecimento já se viu relacionado com o individualismo nominalista e renascimental, com a perda do sentido social e litúrgico da Idade Média e, outro nível, com a possibilidade de cada orante utilizar um livro pessoal de oração. E, como lembra Melquíades Andrés, não faltou quem sugerisse o *Recogimiento* como uma reacção à *Lectio Sacra* colectiva<sup>26</sup>.

O recolhimento ou guarda do coração é, assim, o primeiro e essencial passo para a contemplação, fim último da oração: *quanto mais por humildade descemos ao conhecimento de nós, tanto mais por contemplação subimos ao conhecimento de Deus*.

E o lugar mais conveniente para isto, esclarece Fr. Heitor, é o recolhimento, *a vida solitária e contemplativa*..., porque é, continua o autor, *a mais acomodada à limpeza e pureza da alma*...<sup>27</sup>.

<sup>23</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 41.

<sup>24</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 223.

<sup>25</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 31.

<sup>26</sup> Melquíades Andrés, na Introdução à edição crítica do *Tercer Abecedario Espiritual* de Fr. Francisco de Osuna, Madrid, B.A.C., 1972, pág. 47-48.

<sup>27</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 38; 381.

Não esqueçamos, como tantas vezes se tem feito, que os primeiro destinatários da obra são os contemplativos. E dentre eles, talvez antes de mais, os seus irmãos de hábito, como pode sugerir o que em determinado momento H. Pinto adianta sobre a composição da *Imagem*...<sup>28</sup>. Neste sentido não cabe admirar-se que a guarda do coração — *convém tê-lo preso em ferros, como escravo fugitivo e ocupá-lo em santos exercícios*<sup>29</sup> — exija, como corolário, a guarda da cela... Como a *Imitatio Christi* — *in cella invenies, quod déforis saepius amittes. Cella continuata dulcescit*...<sup>30</sup> — também Heitor Pinto crê que *não há aí lugar onde melhor se alcance e conserve* (a tranquilidade da alma) *que no recolhimento do mosteiro e da cela*<sup>31</sup>.

O silêncio, que merece na *Imagem*... um capítulo em que, como resumo de outros da *Imitação* — *De Cavendas uperfluitate verborum... De pace adquirenda et zelo proficiendi... De amore solitudinis et silentii*...<sup>32</sup> — se fala do *proveito do silêncio e do perigo de muita prática e do engano e vaidade do mundo*...<sup>33</sup>, e outro meio que facilita a descida ao centro de nós mesmos.

De todos os modos, nessas páginas da *Imagem*... pondera-se que o solitário — e todo o cristão o é — *quanto vai mais cortando das conversões e contentamentos humanos, tanto vai mais acrescentando e subindo por contemplação aos divinos*<sup>34</sup>. Este silêncio — *as palavras são descobridoras do coração*<sup>35</sup>, logo contrárias à sua guarda — implica não só *não andar matando formas vivas e fazendo delas anatomia no mundo*...<sup>36</sup>, como ainda saber calar..., regra esta última que poderia dar ocasião ao levantamento de toda uma «retórica do silêncio» que está esboçada ao longo da *Imagem*...<sup>37</sup>.

<sup>28</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, págs. 404-421 (trata-se de cap. XVIII do *Diálogo da Verdadeira Amizade*, passagem que nos parece, hoje por hoje encerrar algumas pistas sobre a elaboração da *Imagem* ou, pelo menos, de alguma parte dela).

<sup>29</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 403.

<sup>30</sup> *De Imitatione Christi*, I, 20, 5 [seguimos a lição dada por Typis Societatis S. Joannis Evangelistae, Desclée et Socii, Romae, Tornaci, Parisiis, 1948, pág. 29].

<sup>31</sup> Fr. Heitor Pinto *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 90.

<sup>32</sup> *De Imitatione Christi*, I, 10; I, 20 [ed. cit., págs. 13 e 28 respectivamente].

<sup>33</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 358.

<sup>34</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 360.

<sup>35</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 362.

<sup>36</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 364.

<sup>37</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, págs. 362-365.

A guarda do coração obriga ao homem a entrar em contas consigo próprio: *Quem quizer* — avisa Heitor Pinto — *sarar da lepra de suas culpas, afaste-se de más conversações e meta-se no seio de si mesmo em conta consigo e haverá saúde e repouso*<sup>38</sup>. A *Imitação* também dedica, com a mesma intenção, um capítulo à *de compunctione cordis* como fundamento da guarda do coração, sem, contudo, recomendar formalmente, como o faz a *Imagem*, a confissão sacramental...<sup>39</sup>. Esta é, no esquema da arte de orar de Fr. Heitor Pinto, outro chamamento ao conhecimento próprio, mas agora com uma intenção purgativa expressa... Esta exigência, assim formulada e neste momento, poderia aproximar a *Imagem* do *Directorium Aureum* de H. Herp<sup>40</sup>, autor a quem cita confusamente e a outro propósito, o que não quer dizer que seja esta a sua fonte. O que importa sublinhar é que o franciscano de Brabante é outro dos padres do *Recogimiento* que circulou em Português na adaptação que Fr. Brás de Barros — outro jerónimo — dedicava a D. João III em 1533.

Purificada, como sobre a alma a Deus?

A esta questão que supõe como que outro momento nos caminhos da interiorização, isto é, que a alma, livre de pecado, esteja *unida consigo*, H. Pinto responde que há-de subir a Deus com o *pensamento e a afeição*...<sup>41</sup>. Poderá ver-se nesta fórmula a expressão dum equilíbrio entre as vias mais abstractas e as mais afectivas?... Resistamos a tal tentação... Para o monge de S. Jerónimo os *pés da alma são as afeições*..., expressão tradicionalíssima que, com gosto, retoma em outras ocasiões. Literalmente, as afeições, possivelmente esse *affectus* de que já fala S. Bento na sua Regra (C. 20) e que é a graça íntima da oração, uma certa maneira de saborear as realidades divinas, sugerem os métodos afectivos que a alma deve empregar para que Deus *a console com o maná da sua suavidade*...<sup>42</sup>. Em termos gerais, os *afectos*, que se manifestam pelas *lágrimas e pelos suspiros*.

As lágrimas, além do valor penitencial, logo, purgativo, a eles inerente — por algo, H. Pinto lembra que, segundo S. to Agostinho e a tradição monástica, a *fonte das lágrimas é um segundo baptismo* — são também um testemunho de devoção e de união aos sofrimentos

de Cristo. São as *lágrimas piedosas* de que nos fala algumas vezes a *Imagem* e que podem pôr-se em relação às *lágrimas sin gemidos* de Osuna...<sup>43</sup>. Também Santa Teresa delas falará.

Os suspiros que se relacionam intimamente com a complexa tradição da doutrina das aspirações e jaculatórias — não sem razão recomenda H. Pinto *os penetrativos suspiros*<sup>44</sup>, como que lembrado da etimologia de jaculatória —, fazem do coração *uma harpa sonora e suavíssima que inda que se não ouça dos mortais soa alatamente ante Deus*... À falta de testemunhos não nos atrevemos a sugerir que o autor da *Imagem* tenha lido uma obra mandada editar pelo Cardeal Cisneros e divulgada na primeira metade do século, o *Liber Specialis Gratiae* de Santa Matilde de Haecborn em que se utiliza uma linguagem muito semelhante para recomendar a prática dos suspiros, mas podemos afirmar que estes meios, as lágrimas e as aspirações, integram H. Pinto nas correntes afectivas da oração que passando por S. Bernardo e pelos franciscanos tinham vindo ultimamente a confluir e a organizar-se em torno dos *Recogidos*.

Podemos agora, passar a considerar a meditação, o segundo momento de qualquer arte de orar, ainda que em Fr. Heitor Pinto, como em muitos autores espirituais, mesmo dentro do que escreveram «ex professo» sobre a matéria, não possam modar-se fronteiras nítidas entre a oração propriamente dita e a meditação...

A meditação é, segundo a *Imagem*..., *a chave que desfecha todas as portas*..., já que por ela tanto *podemos entrar no Paraíso com os passos da alma e cuidar na glória dos Santos e inflamar-nos no desejo de tamanha bem aventurança*..., como ir aos Infernos e *cuidando nos tormentos dos danados apartar(-nos) das culpas merecedoras de tais penas*...<sup>45</sup>

A este exercício chama, geralmente, H. Pinto *consideração* o que talvez permita, de algum modo, relacionar a *consideração* — a *consideratio* de S. Bernardo — com o *ruminare* recomendado pela tradição monástica e pela *Devotio Moderna*...<sup>46</sup> No entanto, cremos que as citações feitas favorecem a aproximação com outros tipos de arte de meditar, de ascendência franciscana que pretendem conduzir a alma *ad locum* para diante das cenas «vistas» se comover e tirar a

<sup>38</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 381.

<sup>39</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 42.

<sup>40</sup> Enrique Herp, *Directorio de Contemplativos*, Madrid, F.U.E., 1974, XV, pág. 309.

<sup>41</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 345.

<sup>42</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., pág. 170.

<sup>43</sup> F. da Osuna, *Tercer Abecedario Espiritual*, ed. cit., II, pág. 325

<sup>44</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 170.

<sup>45</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 424-425.

<sup>46</sup> R. R. Post, *The Modern Devotion*... ed. cit., pág. 124.

respectiva lição... Passemos às circunstâncias de lugar... Na *Imagem...* referem-se alguma vez *lugares escuros para altas contemplações...*<sup>47</sup>, mas de carácter filosófico. No entanto, quem prega a vida solitária e exalta a eremítica, não deixaria seguramente de recomendar esses lugares recolhidos para a meditação. Fazem-no S. Bernardo..., P.<sup>o</sup> de Celle... Francisco de Osuna..., isto é, monges e «recolhidos». E até Petrarca no *De Vita Solitaria...*

É um lugar comum e uma circunstância comum...

Quanto às circunstâncias de tempo, a *Imagem...* é omissa. Por isso, vale mais a pena olhar para algumas das matérias que H. Pinto aponta como mais próprias para meditação, assunto este a que, como acontece a quase tudo quanto à sua arte de orar se refere — e, ousaremos dizê-lo?, a quase tudo quanto trata na *Imagem...* — nunca dedica uma atenção sistemática.

O mundo criado ocupa, com sentidos de exploração diversos, um lugar essencial como tema de meditação na *Imagem...*

Em primeiro lugar o próprio homem, centro e finalidade da criação. H. Pinto, glosando argumentos que arrancam de seu *Isaias* — *Toda a carne é feno e toda a sua glória é flor do campo* — e de autores medievais, como S. Boaventura, passando pela referência ao adágio *Homo bulla* — *o homem é uma ampola de água que logo se desfaz*<sup>48</sup> — que Erasmo também glosou sob a impressão de morte repentina de Paulo Canalis de Veneza e de Filipe de Borgonha —, H. Pinto, dizia, não se cansa de propor a consideração no transitório e no evanescente do homem... A própria História — *Ubi sunt?* — encarrega-se também de lho recordar... A morte perfila-se constantemente no horizonte da *Imagem...* e, recebeu, significativamente, as honras de todo um diálogo...: *Da lembrança da morte...* E uma citação que dele fizemos permite sugerir que a meditação na morte deve, por sua vez, levar à meditação no Inferno e no Paraíso..., contexto vasto que arrasta a meditação nos *Novíssimos...* De facto, nos seus mais variados matizes a meditação nos «últimos fins do homem» invade, como se dum longo *leit-motiv* se tratara, toda a obra em Português do monge de S. Jerónimo...

Compreende-se, assim, a importância que na *Imagem* se atribui ao conhecimento próprio..., conhecimento difícil..., dificuldade que advém não tanto da inconstância e do engano do próprio objecto,

como do homem — *os vãos e fantasiosos mortais...* — não querer considerar que há-de acabar... Por outro lado, o conhecimento de si mesmo, faz saber que *fomos criados para possuir o céu e para calcar a terra...* É o meio de alcançar a Humildade e a Paz..., formulações que sugerem, só por si, a posição de H. Pinto em face do que se vem chamando o «socratismo cristão», estudado, entre outros, por E. Gilson e R. Ricard<sup>49</sup>.

Mas este apelo ao conhecimento próprio, *um alto conhecimento*, é continuamente explorado na *Imagem* num desejo de levar cada vez mais longe as suas consequências... Assim, como já ficou lembrado de *nos conhecermos a nós, vimos ao conhecimento de Deus...* E daqui se segue que *não vendo o homem a si, não verá a Deus...* expressões que aparecendo como uma glosa do *noverim me, noverim te* de Santo Agostinho, nos orientam para os cimos da contemplação, passando pelo apelo à introversão... e pelo encontro de Deus no mais íntimo de cada qual...

Ao *contemptus sui*, consequência da meditação do homem sobre si mesmo, deve seguir-se naturalmente o *contemptus mundi...* que deve conduzir à fuga do mundo... Ao mundo, enganador... inconstante..., igualmente evanescente, *convém deixá-lo*, proclama H. Pinto, *antes que ele nos deixe...* Mas que entende a *Imagem* por este desprezo do mundo? Antes de mais, o desprezo do espírito do mundo... e a fuga desse espírito... que não das criaturas... H. Pinto gosta de insistir que não entende a fuga do mundo como *o abandono do ceo, da terra, elementos com universalidade de criaturas que dão contentamento e formoso pasto aos olhos...*<sup>50</sup>. O desprezo do mundo, que é o cenário de fundo em que se inscrevem os grandes temas de meditação da *Imagem*, situa-se, portanto, no domínio do espiritual... Significa, na expressão tradicional que H. Pinto recorda, *morrer ao mundo...*, isto é, negar um dos *dois eus* — a expressão também lhe pertence — *que há em todos os homens...*<sup>51</sup>. Em última análise negar-se a si mesmo... e seguir a Cristo...<sup>52</sup>.

Não teremos, portanto, porque nos admirar que o tema de meditação que mais insistentemente venha recomendado na *Imagem...*

<sup>49</sup> E. Gilson, *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*, Paris, J. Vrin, 1978<sup>2</sup>, pág.s 214-233; R. Ricard, *Estudios de Literatura Religiosa Española*, Madrid, Gredos, s. a., pág.s 22-147.

<sup>50</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 411.

<sup>51</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 118.

<sup>52</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 119.

<sup>47</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 28.

<sup>48</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. ct., I, pág. 18.

seja Cristo... Poderia ser doutro modo numa imagem da vida cristã?... Sobretudo Cristo crucificado..., sofrente..., já que o presépio e a infância, temas que só muito lentamente vão ganhando expressão ao nível da «literatura», não lhe merecem mais que umas brevíssimas e, ainda assim, indirectas reflexões.

Compreende-se que a Cruz que lhe faz brotar algumas comovidas exclamações seja, diz H. Pinto, *o bordão com o qual nos devemos abraçar...*

A meditação em Cristo crucificado deve, obviamente, englobar a das suas virtudes para as imitar: *Olhemos logo para a nossa cabeça, ponhamos os olhos em Cristo, contemplemos as suas tormentas e o sangue de suas chagas, aprendamos a obedecer até morrermos por quem morreu por nós...*<sup>53</sup>

E o que diz respeito à obediência deve entender-se de todas as virtudes...: *Quem quiser ver as virtudes no mais alto lustro... ponha os olhos na cruz e contemple Cristo crucificado...*<sup>54</sup>

Nesta sequência seria importante atender às suas referências que se orientam para meditação na Igreja, na Igreja primitiva, sobretudo, e na Igreja, Corpo místico de Cristo... Um tema fecundo em que certamente nada deve a um Erasmo, nem talvez a um João de Ávila, mas, talvez muito ao Carmelita Tomás Waldense...

Um tanto inexplicavelmente, porém, os sacramentos, se exceptuarmos a recomendação da confissão sacramental, não lhe merecem qualquer reflexão... A Eucaristia, por exemplo, tema apaixonante nos seus dias, não é, se a nossa leitura não nos atraíu, sequer nomeada.

De qualquer modo, é desta meditação nos mistérios de Cristo que advém — *naturalmente* — esse profundo e conscientemente retomado cristocentrismo que organiza essa imagem da vida de Cristo que H. Pinto propõe aos seus leitores...

A meditação na natureza, isto é, na *bondade e formosura das criaturas* não para nela nos determos, mas para delas passarmos ao Criador, já, que *nelas reluz como um espelho a divina bondade*<sup>55</sup>, é outro ponto a que H. Pinto, que certamente leu a *Introducción al símbolo de la Fé* do Pd. Granada, volta mais do que uma vez... E já vimos como *as criaturas dão contentamento e formoso pasto aos olhos...* Por outro

lado, se retomando um velho tópico estudado nos seus matizes por E. R. Curtius, E. Garin e J. A. Maravall, *a formosa e lustrosa máquina do mundo é*<sup>56</sup>, para H. Pinto, como *um livro que declara e prega a glória de Deus*<sup>57</sup>, compreende-se que não só se demore a cantar a beleza dos primeiros dias da criação, como também insista que da contemplação das criaturas saltemos à *beleza de Deus* em quem *devemos começar e acabar por nossa alma ficar semelhante à linha circular perfeita no círculo da sua contemplação...*<sup>58</sup>

Por fim, a consideração dos benefícios de Deus. Outro tema tradicional, que um Juan de Cazalla, conseguiu, sob a influência de R. Sebonde, perigosamente renovar na primeira metade do século XVI. H. Pinto que se não demora especialmente no tema, refere-se, sobretudo, ao benefício da Redenção... *A obrigação que temos de amar a quem tanto nos amou* tem de ser o primeiro momento deste ponto de meditação, meditação que *deve acender-se no amor de Deus pelos homens e alimentar-se pela lembrança dos divinos benefícios...*<sup>59</sup> Por coincidência que talvez não deva atribuir-se a uma simples casualidade, a *Imitação de Cristo*, apesar de trazer um capítulo *de recollectione multiplicium beneficiorum Dei...* [III, 24] e de algumas alusões que faz ao tema noutros lugares, também não vai muito além da *Imagem...*

Mas a oração, como sugerimos, prolonga-se na lição... que deve ser um *ruminare* sobre um texto lido..., tempo que na tradição monástica corresponde, não à *lectio divina*, conceito mais amplo, mas exactamente à *meditatio*... que se processa sobre as Sagradas Escrituras e os seus comentários... Deste modo a oração e a meditação, interpenetrando-se intimamente, orientam-se para a contemplação... Também H. Pinto como base da lição, dessa «meditação meditada» recomenda a leitura das Escrituras, dos textos dos concílios, dos Santos Padres e do «*autores católicos*»..., obras que se opõe aos livros de cavalaria... às novelas... e a os outros livros que encantam pelo estilo... A ler, por tanto, os livros que *nos mais forem descobrindo quem somos, excitando-nos ao conhecimento de nós, do qual subamos ao de Deus e o amemos sumamente...*<sup>60</sup>

<sup>53</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, 131.

<sup>54</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 525.

<sup>55</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, 111.

<sup>56</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, págs. 110; 485.

<sup>57</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 486.

<sup>58</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 598.

<sup>59</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 457.

<sup>60</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 222.

A este nível, a precisão de tais leituras, sobretudo das Escrituras e dos Padres, indica a importância que concedia à meditação. O seu constante recurso ao texto sacro e aos seus comentários é, assim, tanto uma consequência da sua vocação de monge, como da sua profissão de comentarista bíblico... Mais ainda: parece ser o resultado da sua decisão de fornecer, num tempo em que o acesso ao texto Sacro em vulgar era absolutamente desencorajado, a mais extensa antologia, comentada, desses textos para sobre elas meditar o seu leitor...

Pensamos ter já ficado sugerido, até pela utilização que Frei Heitor Pinto faz da expressão «*por contemplação*», o apelo que na *Imagem* se ergue à contemplação que *convém ao homem segundo a alma e segundo a mais excelente das suas potências que é o entendimento, isto é, a contemplação convém ao homem segundo aquilo que o faz homem...*<sup>61</sup>.

Deste modo, contemplar constitui um dos fundamentos da dignidade do Homem... H. de Lubac chamou a atenção para esta dimensão do pensamento de Pico della Mirandola...<sup>62</sup>. Por outro lado, num defensor de Platão e leitor de Pseudo-Dionísio, é bem natural esperearem-se referências ao *monte altíssimo da divina visão*<sup>63</sup> que deve ser subido... Efectivamente será *n'aquela alto e glorioso monte da divina visão*<sup>64</sup> que tem o seu cume fora deste mundo, que virá contemplada já não a vida cristã por imagem, mas o original e modelo que desde este mundo se foi tentando reflectir e ver reflectido...

Precisando. Recordemos uma vez mais que H. Pinto não quis fazer com a *Imagem*... um tratado de oração. Nada há nas suas páginas que tal indique ou sugira. Também não pretende entrar em polémicas sobre modos e graus de oração e contemplação, conflitos ainda escaldantes no seu tempo e que com motivo da divulgação dos escritos de S.ta Teresa e de S. João da Cruz se foram avolumando ao longo dos tempos seguintes. A «mística da luz» e a «mística da noite» chegaram a formar, através de episódios bem pouco edificantes, duas escolas... que opunham teresianos e «sanjuanistas»...<sup>65</sup> De qualquer

modo, H. Pinto que vive em Espanha, e concretamente em Salamanca, nos dias em que o caso de Santa Teresa já aí se comentava, não deixará passar ocasião para incitar à contemplação..., isto é, a um modo de oração mais alto que conduz a uma mais íntima união com Deus já desde este mundo, acompanhada ou não de graças extraordinárias. É esta uma meta a atingir que na *Imagem* vem formulada não só teoricamente, mas ainda ao nível da súplica em algumas orações.

Por outro lado, *contemplar* e *contemplação* são palavras frequentes ao longo da *Imagem* ainda que, naturalmente, nem sempre guardem o sentido preciso que nos importa aqui. A contemplação é não só um *alto estado*, mas ainda, muito mais significativamente, a *perfeição de filosofia cristã*...<sup>66</sup>, o «cristianismo integral», inteiramente consagrado a Deus que se realiza plenamente na vida monástica. E Dom Leclercq, lembra como nessa tradição se identificam união com Cristo e a vida contemplativa... Tradição medieval perdida? De modo nenhum. G. Chantraine mostrou como Erasmo, com toda a sua originalidade, é um herdeiro dessa tradição...<sup>67</sup> e J. Leclercq, completando os estudos de E. Gilson, assinalou como ainda nos começos do século XVII, em França, um irmão converso carmelita vinha apontado como «um verdadeiro filósofo cristão»<sup>68</sup>. Declarar, portanto, a contemplação *como a perfeição da filosofia cristã* deve equivaler não só a fazer de H. Pinto um herdeiro dessa tradição, mas ainda à explicitação do ideal subjacente ao longo de toda a *Imagem*...: a vida da contemplação<sup>69</sup>.

Antes de prosseguir anotemos que, por agora, apenas nos interessa focar a contemplação como uma *operação* — a palavra é de Fr. Heitor<sup>70</sup> — da arte de orar. Por isso não abordaremos a questão da contemplação como *visão beatífica* — essa *bemaventurança perdurável* que consiste na *visão da divina essência, acompanhada de eterno*

<sup>66</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 386.

<sup>67</sup> G. Chantraine, S. J., «*Mystère*» et «*Philosophie du Christ*» selon Erasme, Mamur-Gembloux, 1971, págs. 42, 45, 52, 67, 85, 372.

<sup>68</sup> J. Leclercq, *Pour l'Histoire de l'Expression «Philosophie Chérienne»*, «*Mélanges de Science Religieuse*», IX (1952), págs. 221-226 (pág. 226).

<sup>69</sup> J.-P. Massaut, *Mystique Rhénane et Humanisme Chrétien d'Eckhar à Erasme. Continuité, Convergence ou Rupture*, in *The Late Middle Ages And The Dawn of Humanism Outside Italy*, Leuven University Press, The Hague Martinus Nijhoff, 1972, págs. 112-130, aponta essas tradições, chama a atenção para a necessidade de nos interrogarmos sobre as «continuidades» e o seu sentido, no que constitui um notável trabalho a ter presente tanto pelas conclusões como pelas reflexões que suscita.

<sup>70</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 388.

<sup>61</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 387.

<sup>62</sup> H. de Lubac, *Pic de la Mirandole*, Paris, Aubier Montaigne, s. a. (1974), esp. págs. 64, 65, 80-87; 145-146.

<sup>63</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 794.

<sup>64</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 795.

<sup>65</sup> J. Krinen, *Du Nouveau sur Thomas de Jesus. L'Avènement de la Mystique des Lumières en Espagne*, «*Bulletin Hispanique*», LXIV (1963), págs. 113-135; I. Moriones, *Ana de Jesus y la Herencia Teresiana*, Roma, Edizioni del Teresianum, 1968.

contentamento..., e que constitui o fim último de toda a vida cristã <sup>71</sup>.

Desde o mundo, a oração, a meditação e a contemplação — os três tempos tradicionais da arte de orar — são como o que a preparação dessa visão do *rostro de Deus*, para o dizer com palavras de São Bernardo. Aqui interessa-nos sómente a *bem aventurança desta vida* que, é, como diz H. Pinto, *preparativa e dispositiva...* <sup>72</sup>. E como já teremos concluído a *bem aventurança* deste mundo *reside na contemplação*.

Da contemplação ser, como se apontou, um dos fundamentos da dignidade do homem, decorre não só um apelo à contemplação, mas necessariamente, uma chamada à sua universalização. Com efeito, se aos *contemplativos* — entendamos, antes de mais, os religiosos — *descobre Deus grandes mistérios que trazem espiritual contentamento...* <sup>73</sup>, daqui não se segue que só eles se devam entregar à contemplação..., pois, *está claro* — continua intencionalmente a *Imagem* — que todos os homens *devem trabalhar para se dar à vida contemplativa, pois tem tão excelentes visões e revelações...* <sup>74</sup>.

Poderíamos pensar que, por demasiadamente genéricos e tão dealmente formulados, o alcance destes apelos não poderia ser posto em causa por aqueles que no século XVI, sob os mais variados pretextos e acusações, olham com surpicácia aos chamamentos à contemplação, sobretudo fora da vida religiosa... Pessoalmente não pensamos assim. Bastará ter presente o que foi, a partir dos fins dos anos vinte do século, a hipersensibilidade ibérica a tais apelos, para não minimizar só pela sua aparente generalidade, o alcance do de Fr. Heitor Pinto... Caberia uma solução diferente numa obra como a *Imagem*? Talvez não... E diremos mesmo que o expô-los assim, sem qualquer tipo de limitações ou prevenções, talvez seja muito mais revelador da verdadeira intenção do monge português... É certo que o seu livro não trata ex-professo de matéria de oração, e que, a não haver outros sinais, tais conselhos surgiriam diluídos no meio dessa «silva de varia lección» que é a *Imagem*... Mas tal não significa, de modo nenhum, que um leitor atento não pudesse entender a lição e o seu alcance... E em abono da nossa opinião, digamos agora que em algum momento é H. Pinto muito mais preciso e muito mais claro nas suas propostas e apelos...:

*He necessario matar o consentimento do peccado.pera a alma viver:e moderar,e enfrear a reger de tal maneyra as payxoes e movimentos e affeytos, que com elles não somente nao percamos,mas ganhe-mos.E pera isto convem nos comprir inteiramente os preceptos de Deos,e abraçar os conselhos do sagrado evangelho,e ter perfeyta obediencia à sancta madre igreja Romana; e com fe viva acompanhada de esperança, e formada com caridade seguir a Christo, e amalo summamente, e farlhe entrega de nós;pera que assi inflammados nas gloriosas chamas do divino amor,tendo a Deos por fim de nossos desejos,por termo de nosso pensamentos, e por alvo de nossa vida,cõtemplemos seus altos mysterios,e cõ o entendimento allumiado subamos até o mais alto,a que podemos chegar da contêplação das cousas divinas,trabalhãdo por chegarmos ao nosso proprio cêtro, q̃ he Deos,onde a alma descãse como em seu proprio lugar...* <sup>75</sup>.

Caberia ser mais claro no chamamento à contemplação como meta que todos devem esforçar-se por atingir, segundo as suas possibilidades?

Não tem lugar, porém, discutir aqui, porque a tal nunca se refere, as restrições que o próprio Fr. Heitor poria ao seu apelo à contemplação como um dever (e um direito) para todos, os homens e mulheres, posição esta, que característica dos *Recôgidos* e até dos grupos de *alumbrados* da primeira metade do século, voltaria a afirmar-se a propósito do caso de S.ta Teresa e da descoberta das grandes visionárias medievais... O que sabemos é que prevendo reticências e censuras, Fr. Heitor escreveu na exacta sequência desse chamamento: *esta é a verdade, esta é a doutrina de Cristo e não tem que duvidar a malícia humana do que afirma a bondade divina...* <sup>76</sup>.

Como, porém, ao autor da *Imagem* não escapassem os perigos do desvirtuamento de tais conselhos por aqueles que, como os *alumbrados* e outros grupos heterodoxos, pretendiam escalar rapidamente as «ameias do céu», desprezando os fundamentos ascéticos da vida contemplativa, não deixou de recomendar prudência nesses caminhos. E, por isso, escreve: *querer entrar logo de supito na contemplação sem primeiro deixar os pecados, e exercitar-se nas virtudes é cousa de pouco fruto, e ainda vos digo de muito perigo...* <sup>77</sup>.

<sup>71</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 792.

<sup>72</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 792.

<sup>73</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 382.

<sup>74</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 384.

<sup>75</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 57-58.

<sup>76</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 389.

<sup>77</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 383.

Como escalar, então, — a expressão é sua — as «ameias do céu»? <sup>78</sup>.

H. Pinto como que retomando desde outro ângulo o que diz sobre a oração, responde: *Quem quiser alcançar o cume da vida contemplativa hade primeiro ganhar soldo no arraial da activa, de baixo da bandeira de Cristo* <sup>79</sup>. E em outro momento declara: *A bem aventurança desta vida consiste na Fé, Esperança, Caridade, prudência, fortaleza e outras virtudes e boas obras feitas em graça e finalmente na imitação de Cristo...* <sup>80</sup>.

Estes dois textos — o 1.º é uma glosa duma passagem de S. Gregório — são extremamente importantes na medida em que, confirmando o que dissemos há pouco, nos dão imediatamente o primeiro tempo dos caminhos da contemplação... O tempo da imitação de Cristo... Não pensemos exclusivamente na obra de T. Kempis... *A imitação de Cristo* tem um papel central, único, na espiritualidade de S. Jerónimo... Por algo, o P. José de Sigüenza, o historiador da ordem jerónima, não deixava de repetir que o fim da sua ordem é, precisamente, a imitação de Cristo... <sup>81</sup>. (Note-se de passagem que a pretensão de alguns espirituais do século XVI, ortodoxos e heterodoxos, de prescindirem da contemplação de Cristo nos mais altos estados da vida contemplativa, é problema a que H. Pinto nunca alude... <sup>82</sup>. E assim de facto de a *Imagem* explicitamente só referir a imitação de Cristo no âmbito da vida activa, tempo especialmente ascético, não há porque concluir que no tempo da contemplação tal imitação não deva prosseguir. Na sequência de M. Bataillon, pensamos que a rigorosa defesa do sentido literal, consiste em não fazer dizer menos a um autor, só pelo simples facto de ele não dizer mais... <sup>83</sup>. O que H. Pinto pressupõe é que a imitação de Cristo, um

<sup>78</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 386.

<sup>79</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, págs. 382-383.

<sup>80</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 791.

<sup>81</sup> Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 539, onde emprega uma fórmula de nítido corte jerónimo: *desnudos a la imitación de Christo...*

<sup>82</sup> M. Bataillon, *Erasmus y Espana*, México, F.C.E., 1966<sup>2</sup>, págs. 45, 48, 208-209 589-592 et passim; M. Andrés, *Estudio*, cit. à edição cit. da *Tercer Abecedario* de Francisco de Osuna, págs. 82-83; e permitto-nos chamar a atenção para um trabalho nosso *Evolução na Evocação de Cristo Sofrente na Península Ibérica (1538-1630)*, in Homenaje a Elías Serra Rafols, Universidad de La Laguna, 1970, II, págs. 47-70.

<sup>83</sup> M. Bataillon, *Défense et Illustration du Sens Littéral*, in *The Presidential Address of the Modern Humanities Research Association*, 1967, Cambridge, 1967, fornece uma meditação extremamente interessante e sempre actual sobre esta questão sempre polémica

hábito a adquirir pelo exercício das virtudes — e nisso ele é muito claro, como vimos — faz parte, uma vez adquirida, da vida cristã integral... E não é a *contemplação*, segundo a *Imagem*, a *perfeição da filosofia cristã*? <sup>84</sup>... E os perfeitos nesta filosofia, não são aqueles que, são palavras de Fr. Heitor P. *alheios de si e transportados em Cristo de tal maneira estão com ele ligados e unidos que os suaves liames do amor que nem há tormento nem alegria, fome nem fartura vida nem morte, céu nem terra, grandes alturas nem profundos abismos que os possam da caridade de Cristo apartar*? <sup>85</sup>.

Podemos agora tentar perceber como concebe H. Pinto a subida propriamente mística do *monte da altíssima visão*...

Para tal parece possível partir duma breve passagem do *Diálogo da lembrança da morte*...:

*Donde se conclue q̄ então morremos ao mundo, e ao corpo, quando nossa alma governada pelo piritto, como q̄ nam houvesse corpo, atalhados os passos do apetito sensitivo, entra com a guia da razam no caminho da alta conteplaçam e divino amor, e como agea real levantada do ninho se alça ao ceo aberto, penetrando altissimos segredos, e nam vay onde quer o corpo, mas elle vay onde ella quer...* <sup>86</sup>.

As imagens do texto, por tradicionais, não invalidam nem a descrição nem o apelo que nele se contém. Em outros lugares da Obra H. Pinto volta a explicar como se chega à alta contemplação. Com estas passagens parece até possível, tal é a sua identidade construir um texto único que, pela reiteração dos seus elementos, torne mais evidente o seu alcance. Tentemo-lo, acompanhando-o de algum comentário:

*Deixado o mundo e o corpo... alienada do exterior que distrai* <sup>87</sup>... *como se não houvesse corpo* <sup>88</sup>... *livre da escura noite das terreaes baixezas* <sup>89</sup> — expressões equivalentes que traduzem a luta ascética e a gradual purificação da alma — *com a parte mais alta do entendi-*

<sup>84</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 386.

<sup>85</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 80.

<sup>86</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 467.

<sup>87</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 464.

<sup>88</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., I, pág. 467.

<sup>89</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 60.

mento<sup>90</sup>... *unida consigo mesma*<sup>91</sup>... *metida no interior*<sup>92</sup> *levanta-se [alma] como águia do ninho*<sup>93</sup>... *sobe tanto para cima*<sup>94</sup>... *sobe tão alto*<sup>95</sup>... *que trespassando as nuvens*<sup>96</sup>... *se lança ao céu aberto*... *penetra altíssimos segredos*<sup>98</sup>, *chega às ameias do céu*<sup>99</sup>...

Creemos que a reiteração dos elementos do «texto» evidencia bem as diferentes fases da ascensão contemplativa, ainda que, naturalmente, despidas de toda a intenção teórica explícita...

Por outro lado, cabe acrescentar aqui que a elevação da alma é, pelo menos uma vez, comparada à elevação da *chama do fogo*... *que cresce para cima*...<sup>100</sup>, comparação importante, importância sustentada, aliás, pelo seu contexto, que coloca o problema da contemplação já não no domínio do entendimento (a *águia*, símbolo tradicional do voo místico) mas da vontade e do amor (o *fogo*), amor que vem definido por H. Pinto, na sequência do Pseudo Dionísio, *porque procede de Deus, e é dirigido do mesmo Deus*...<sup>101</sup>

Com efeito, a *Imagem* atribui ao amor um papel essencial na operação contemplativa, papel que se resume sob a égide de Santo Tomás, no final do *Diálogo da Vida Solitária: E dado que a vida contemplativa quanto à mesma essência da acção pertença do entendimento, todavia, quanto ao que o move a exercitar tal operação, pertence à vontade, donde procede o amor*...<sup>102</sup>

O amor, e nem necessário seria explicitá-lo, tem para este platonizante afectivo que é H. Pinto, *vontade unitiva e transformativa*, princípio geral que o leva a glosar, em pelo menos quatro ocasiões, uma velha fórmula do amor estático — *verius est anima ubi amamm ubi animat*— que remetendo a Platão chegou, através de

Pseudo Dionísio e de Santo Agostinho (a quem atribui Heitor Pinto), até S. João da Cruz e ao Cardeal Bérulle<sup>103</sup>...

O monge jerónimo, baseado precisamente nesta tradição acentua o papel do amor e dos aspectos transformantes da contemplação. Como, aliás, a maior parte dos místicos doutrinários e experimentais do seu tempo.

Por isso, teremos já suspeitado que o alcance das *ameias do céu* não é a última etapa da subida mística tal como a dispõe Fr. H. na *Imagem*... Com efeito, *He tam sublime a contemplaçam, q̄ muytas vezes está hum homem tam enlevado, que a mente não cabendo em si se alevãta sobre si mesma, como chama de fogo parece que cresce pera cima, inflãmada no fogo do divino amor e desejo celestial. E às vezes allumiada com o divino resplendor, suspensa com a admiração da divina fermosura, chea de suavissimo contentamento, he arrebatada e enlevada, e como engolfada no pego da doçura e charidade sente tam maravilhosa consolaçam, se nam pode per palavras exprimir, porque passa além da raya e demarcaçam do juyzo vulgar*...<sup>104</sup>

H. Pinto acaba de sugerir, tentando descrevê-la, união mística da alma com Deus, união que está para além da palavra, já que é — e ele di-lo — inefável... Para que prosseguir? Com efeito, a arte de orar de Fr. H. Pinto chegou ao fim... E chegou sem que ele tivesse discorrido sobre algumas questões que então preocupavam: o modo, o tempo e duração desta união mística que a sua descrição que lemos há um minuto permite identificar com o êxtase ou raptó na terminologia da Teologia mística que pelos seus dias começou a organizar-se como disciplina autónoma e que tem na Península Ibérica um dos seus primeiros textos no *Quod sit mystica theologia* devido à colaboração dum beneditino, Fr. Leandro de Granada e dum Carmelita, Fr. Francisco de Santa Maria..., os grandes defensores da «mística da luz»<sup>105</sup>...

A alma pode, agora, na fase da descida, voltar a considerar, mas como que desde a outra ladeira, os benefícios de Deus e a formosura das criaturas que procede dessa *unidade simplicissima*, desse

<sup>90</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 60.

<sup>91</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, 119.

<sup>92</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 464.

<sup>93</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 467.

<sup>94</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 120.

<sup>95</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 120.

<sup>96</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 120.

<sup>97</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 467.

<sup>98</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 386.

<sup>99</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 467.

<sup>100</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 389.

<sup>101</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 457.

<sup>102</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 388.

<sup>103</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*, ed. cit., I, págs. 119; 409; II, págs. 454; 790. J. Orcibal, *Une Formule de l'Amour Extatique de Platon à Saint Jean de La Croix et au Cardinal de Berulle*, in *Melanges Offerts à Etienne Gilson*, Toronto, Pontifical Institute of Medieval Studies, Paris, J. Vrin, 1959, págs. 447-463.

<sup>104</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 389.

<sup>105</sup> José Adriano de Freitas Carvalho, *Gertrudes de Helfta e Espanha*, Porto, Centro de Literatura da Universidade do Porto, 1981, págs. 320-357.

*acto purissimo* que é Deus... São os meios de continuar a *mover a vontade e a atizar o amor...*, fórmulas simples que nos indicam a diferença abissal de tom e de alcance entre Fr. Heitor Pinto e a mística experimental...

No entanto, Deus esconde-se algumas vezes, isto é, *tira aos seus as alegrias* <sup>106</sup>. A tribulação é para H. Pinto inerente à contemplação... Porquê? — Fr. Heitor que não discorre, naturalmente, sobre a noite escura dos sentidos nem do entendimento, responde apenas para que o busquem com *desejos afervorados, devotas orações, penetrativos suspiros* <sup>107</sup>...

Teremos voltado ao ponto de partida? — De modo nenhum. Os suspiros que se ligam, como dissemos, à teoria das aspirações eram considerados por muitos autores espirituais como um dos meios mais rápidos e violentos de alcançar os altos estados contemplativos <sup>108</sup>. O que encontramos de novo, sob a expressão do afectivo, é apelo ao amor..., imagem desse *divino amor*, exclama Heitor Pinto, *que arde e não queyma, allumia e não empece, aqueuta e não lastima, respandece e não magoa, purifica e não consume* <sup>109</sup>...

\*  
\*   \*  
\*

Temos de terminar.

Ao longo destas páginas teremos, certamente, notado a simplicidade — talvez deveríamos falar do esquematismo? — da arte de orar que Fr. Heitor Pinto traz na *Imagem da Vida Cristã*... É o resultado esperado da exposição dum autor que não quis fazer expressamente um tratado de oração... Mesmo assim, cremos, a sua arte de orar ocupa um lugar suficientemente importante para não passar despercebida aos seus leitores e os levar a aprofundar a sua oração. Conselhos, apesar de tudo, vagos? — Não tanto como nos podem parecer hoje... Lembremos uma vez mais o que foi a hipersensibilidade ibérica em matéria de oração... e o drama de muitos autores que sobre ela escreveram... E indo um pouco mais além, atrevemo-nos

mesmo a sugerir que nesta voluntária simplicidade que não quer necessariamente dizer superficialidade, residiu uma das razões do êxito editorial que acompanhou a *Imagem* nos fins do século XVI e durante o século XVII, não só em Portugal, mas também em Espanha, em Itália... em França... O que ficou sugerido sobre a arte de orar de H. Pinto terá conseguido mostrar que a *Imagem* deve ser, antes de mais, lida como uma obra de espiritualidade e não apenas nem, sobretudo, como o fruto da especulação dum humanista? — Gostaríamos bem que tal tenha acontecido... Aliás, nem sequer era este o fim com que um Erasmo escrevia o seu *Enchiridion*... as suas *Paraphrases*... os seus *comentários dos Salmos* e, muito menos, o seu *Modus Orandi*...

Por outro lado o seu modo de pôr a questão da oração mostra como ao lado do moralista e asceta sempre focados, há outro Fr. Heitor Pinto de claro pendor místico, embora a voluntária contenção da sua linguagem e das suas propostas não lhe permita acentuar essa orientação... Mas alguns textos, principalmente ao nível da prece revelam-na claramente <sup>110</sup>.

Tocamos, deste modo, uma perspectiva que julgamos fundamental na sua arte: o carácter afectivo do método de oração que recomenda. Não apenas as lágrimas, suspiros e desejos nos introduzem nas sendas da espiritualidade afectiva. O seu permanente apelo à interiorização, à guarda do coração, à meditação na humanidade de Cristo sofrente <sup>108</sup>, à universalização da contemplação permitem aproximar H. Pinto dos *Recogidos* tal como se foram afirmando sobretudo depois do *Tercer Abecedario*... de Francisco de Osuna..., ao longo do século XVI... Neste momento pensamos não só na estadia de Heitor Pinto em Espanha, mas também na passagem de alguns mestres do *Recogimiento* — um Bernardino de Laredo... e um Fr. Juan de los Angeles <sup>111</sup> por Portugal e na longa permanência entre nós de Luís de Granada <sup>112</sup>, outro representante dessa corrente, ainda

<sup>110</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, págs. 185-187, que é apenas um exemplo.

<sup>111</sup> Sobre Fr. Juan de los Angeles, franciscano, a sua permanência entre nós e o que aproveitou, durante esse tempo, das páginas dos *Motivos Espirituaes* de Fr. Rodrigo de Deus, um arrábido, que, então, corriam ainda manuscritas, tratamos, há anos, em *Para a História da Espiritualidade em Portugal: Os «Motivos Espirituaes» de Fr. Rodrigo de Deus e a sua repercussão em Espanha*, «Itinerarium», XIV (1968), págs. 49-102.

<sup>112</sup> Sobre a estadia e imensa influência de Fr. Luís de Granada em Portugal escreveu Maria Idalina Resina Rodrigues um trabalho fundamental e até agora ímpar *Fr. Luís*

<sup>106</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 170.

<sup>107</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, págs. 170-171.

<sup>108</sup> C. Jansen, *L'Oraison Aspirative chez Herp et chez ses Prédésseceurs*, «Carmelus», III (1956), págs. 19-48.

<sup>109</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam...*, ed. cit., II, pág. 460.

que não tão teórico como os franciscanos anteriores... E por isso mais próximo do autor da *Imagem*... Naturalmente, esta obra não recolhe os aspectos mais abstractos e polémicos do *Recogimiento*, pois nada há nela que se assemelhe ao *no pensar nada* de F. Osuna..., ao *cuadrar el entendimiento* de Fr. Bernabé de Palma... E não será preciso dizer que da obra do monge português estão ausentes «os exageros» e as indiscrições, de palavra e de devoção, do autor de *Via Spiritus*...

Por outro lado junto a esta corrente mais recente é relativamente fácil detectar na obra outros débitos. Não só para com a *Imitação de Cristo* — o próprio título da obra de Fr. Heitor pode muito bem passar por uma perífrase, *sub platonico signo*, do título de obrira de Kempis... — mas também para com a tradição monástica que os jerónimos, por caminhos mal conhecidos, recolhem nos fins do século XIV<sup>113</sup>. Julgamos terem ficado assinalados alguns desses débitos e sugeridos outros. Só a sua exploração sistemática, não só no que diz respeito à oração e contemplação mas também a outros temas, como, por exemplo, o *otium claustris*... a *verdadeira ciência*... a *santa ignorância* — paradoxal conceito que lhe advém de S. Bernardo e não de Nicolau de Cusa... — só o estudo sistemático destes temas, dizíamos, poderá permitir abarcar em toda a sua extensão e profundidade essa componente da *Imagem*.

Desejamos terminar chamando de novo a atenção para como nos apelos que faz H. Pinto à oração e à contemplação subjaça a tese de que o monge é, como na mais pura tradição monástica, o cristão ideal, o verdadeiro filósofo cristão. Ora, segundo cremos, só tendo presente esta tese se poderá compreender a apologia que na *Imagem* se tece do *contemplativo letrado e eloquente*<sup>114</sup>, inimigo de *agudezas e de sofistas*..., para quem a *filosofia cristã* não é um *verborum ars*, mas um *ars vitae*... Com efeito, sabe, sem por isso ter de rejeitar Platão e Aristóteles, que a verdadeira ciência vem de Deus e se orienta para Deus... Neste sentido, a verdadeira ciência é uma

*de Granada e a Literatura de Espiritualidade em Portugal, 1554-1632*, Lisboa, 1976. [Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, dactil. 1617 págs.].

<sup>113</sup> Abordamos, dentro do contexto inicial da espiritualidade dos jerónimos, este assunto no trabalho mencionado *As Origens dos Jerónimos na Península Ibérica — Do Franciscanismo à Ordem de S. Jerónimo: o itinerário de Fr. Vasco de Portugal*, «Revista da Faculdade de Letras do Porto» (1984).

<sup>114</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., I, pág. 33.

«douta ignorância» porque conhece o que é preciso não conhecer<sup>115</sup>... Face a aquisição, Heitor Pinto resume a sua posição num conselho que G. Groote e a *Imitação* teriam seguramente aprovado: *Antes virtudes que livrarias*<sup>116</sup>...

Eram exactamente estes os princípios fundamentais do humanismo monástico. E A. Renaudet e J.-P. Massaud mostraram como nos fins do século XV esse humanismo juntava à herança de S. Bernardo — *aprender com ardor o que pode incitar ao amor*<sup>117</sup> — a influência de Petrarca — *Pietas est sapientia*, fórmula que o mestre italiano repete até à saciedade no *De Ignorantia*<sup>118</sup>...

H. Pinto, herdeiro dum e de outro, do monge e do humanista, repete não só que *há que estimar o saber para saber amar*, como também que a *verdadeira ciência se aprende com cuidado e devoção*<sup>119</sup>...

Se não perdermos de vista esta fecunda tradição, o humanismo da *Imagem* aparecer-nos-á não na sequência do humanismo filológico e erudito, nas suas vertentes filosóficas ou cívicas, com o qual, sem razão, algumas vezes se identifica simplesmente todo o humanismo, mas sim na do humanismo de raiz monástica que vive e se dirige à contemplação<sup>120</sup>.

Deste modo, cremos, muitas das contradições que normalmente se assinalam na *Imagem* serão principalmente (ou apenas?) o resultado da aferição da obra para padrões dos quais não se reclama... e da sua erudição, para nós hoje, talvez, *apavorante*, mas não tão livresca como já se tem sugerido, ter funções que apelam a tradições esquecidas, nomeadamente do seu mestre e patrono S. Jerónimo, mestre de tanto humanismo...

<sup>115</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 201.

<sup>116</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 208.

<sup>117</sup> S. Bernardo, *Sermones sobre los Cantares*, 36, *Obras Completas*, Madrid, B.A.C., 1955, II, pág. 261.

<sup>118</sup> J.-P. Massani, *Josse Chichtove, l'Humanisme et la Réforme du Clergé*, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1968, I, pág. 134 *et passim*.

<sup>119</sup> Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Christam*..., ed. cit., II, pág. 714.

<sup>120</sup> J.-P. Massaut, *Josse Chichtove, l'Humanisme et la Réforme du Clergé*, ed. cit., págs. 341-342; nós próprios, retomando algumas das sugestões do grande mestre belga, afluamos o assunto em *Le Christianisme Humaniste dans les Dialogues de Fr. Heitor Pinto*, in *L'Humanisme Portugais et l'Europe, Actes du XXI Colloque Internationale d'Études Humanistes*, Tours, 3-13 Juillet 1978, Paris, Centre Cultural Portugais, 1984, págs. 161-177.

Mas estas questões, como possivelmente estaremos de acordo, são apenas algumas das que algum dia terão de ser abordadas num capítulo da História de Cultura em que venha a debruçar-se sobre o humanismo monástico... ao longo do séc. XVI em Portugal.

*JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO*

Professor da Faculdade de Letras do Porto